
SESSÕES DO PLENÁRIO

13ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 7 de maio de 2009.

PRESIDENTE: DEP. NEUSA CADORE AD HOC

A Srª PRESIDENTA (Neusa Cadore):- Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a sessão especial em homenagem aos 50 anos do filme *Redenção*, do cineasta Roberto Pires, proposta por mim, deputada Neusa Cadore.

Tenho a honra de convidar para compor a Mesa a Exmª Srª Deputada Fátima Nunes (Palmas); o cineasta baiano, que foi diretor-geral da *TV Brasil* e secretário de Audiovisual do Ministério da Cultura, Sr. Orlando Senna (Palmas); o jornalista e documentarista, autor do livro *Roberto Pires - o inventor de cinema*, Sr. Aléxis Góis (Palmas); o cineasta e diretor do IRDEB, Sr. Pola Ribeiro (Palmas); o cineasta, e filho do cineasta Roberto Pires, Sr. Petrus Pires (Palmas); o professor e pesquisador de cinema, Sr. Eduardo Borges (Palmas); o cineasta e produtor de cinema, Sr. Oscar Santana (Palmas); o cineasta e diretor da Jornada Internacional de Cinema, Sr. Guido Araújo (Palmas); o professor e crítico de cinema, Sr. André Setaro (Palmas.)

Neste momento, solicito a participação da deputada Fátima Nunes, para presidir a sessão, para que eu possa fazer um pronunciamento.

A Srª PRESIDENTA (Fátima Nunes):- Com a palavra a deputada Neusa Cadore.

A Srª NEUSA CADORE:- Srª Presidenta, deputada Fátima Nunes; Sr. Orlando Senna, cineasta baiano que foi diretor-geral da *TV Brasil* e secretário de Audiovisual do Ministério da Cultura; Sr. Aléxis Góis, jornalista e documentarista, autor do livro *Roberto Pires - o inventor de cinema*; Sr. Pola Ribeiro, cineasta e diretor do IRDEB; Sr. Petrus Pires, cineasta e filho do cineasta Roberto Pires; Sr. Eduardo Borges, professor e pesquisador de cinema; Sr. Oscar Santana, cineasta e produtor de cinema; Sr. Guido Araújo, cineasta e diretor da Jornada Internacional de Cinema; Sr. André Setaro, professor e crítico de cinema; senhoras e senhores, eu quero dizer que é um privilégio para esta Casa Legislativa poder participar desta grande celebração.

Esta sessão comemora um evento que, há 50 anos, abriu o ciclo do cinema baiano, quando Roberto Pires nos presenteou com o filme *Redenção*. Nós gostaríamos de que a homenagem que esta Casa faz hoje possa ser um dos momentos desse marco histórico, pois desejamos que no decorrer deste ano este marco traga a todos nós esse desejo e essa responsabilidade.

Eu tive a alegria de, no início da sessão, ter conhecido contemporâneos de Roberto Pires. E a gente vê que esse encontro de gerações, porque o professor que se interessa muito por esse tema e o próprio filho, Petrus, estão presentes aqui, e os jovens

que estão na plateia são o sinal claro de que temos que abrir espaço para esse desafio tão grande que é discutir a cultura.

É uma honra para todos nós, é uma honra para esta Casa, poder, neste momento, também oferecer a nossa parcela de participação nesta comemoração.

A história do cinema baiano é conhecida no mundo inteiro, reconhecida a partir do trabalho e das ideias de Glauber Rocha, considerado um revolucionário que utilizou o cinema para protestar, filosofar, propor reflexões para a sociedade e para o sistema político. Mas foi o próprio Glauber Rocha que em seu livro "Revisão Crítica do Cinema Brasileiro", disse que, se na Bahia não existisse cinema, Roberto Pires o inventaria. E o livro, cujo lançamento esta Casa acolhe hoje, traz este título muito significativo: "Roberto Pires, o inventor do cinema". Esse lançamento acontecerá em continuidade a esta sessão, para o qual contamos com a presença do autor.

Sabemos que Roberto Pires também foi um grande inventor e, há 50 anos, no filme Redenção, utilizou uma lente anamórfica criada por ele mesmo, com ajuda do seu amigo e parceiro Oscar Santana. E aproveito para saudar de forma muito especial o seu filho, Petrus Pires, que luta para manter essa memória e está na busca da recuperação, do resgate do filme original, ainda não em condições de uso, mas esperamos que, muito em breve, a sociedade baiana e brasileira possa contar com o resgate dessa obra.

Contemporâneos de Roberto Pires, temos Oscar Santana, Rex Schindler, Hamilton Correia, Elio Moreno Lima, Glauber Rocha, dentre tantos outros que levaram adiante o lema "uma ideia na cabeça e uma câmera na mão". A todos eles estendemos esta homenagem. E, mesmo sabendo que os filmes Tocaia no Asfalto e A Grande Feira foram os melhores da carreira de Roberto Pires, comemoramos a estreia de Redenção porque esse filme traz o mérito de sinalizar o ponto de partida da ousadia e da coragem desses cineastas, produtores, roteiristas e editores de cinema, atores e atrizes, trabalhadores e amantes do cinema, que fizeram e fazem parte do cinema baiano, do cinema nacional.

Entre os grandes desafios do povo brasileiro, sabemos que a população brasileira enfrenta a grande dificuldade de ter acesso à produção cultural, uma enorme dificuldade de produzir cultura local. Sabemos que 90% dos municípios baianos sequer possuem sala de cinema, teatro ou museus.

As estatísticas do IBGE dizem que apenas 13% do povo brasileiro ao menos uma vez por ano frequenta uma sala de cinema; 93% do povo brasileiro nunca tem oportunidade de frequentar uma exposição de arte; 78% dos pesquisados dizem que nunca puderam ver um espetáculo de dança. Então, é um tema que esta Casa sabe da importância de debater. Estamos acompanhando os esforços do Ministério da Cultura para a descentralização da produção do eixo Rio-São Paulo e oferecer mais oportunidade para as demais regiões do país. É um esforço que não se restringe apenas ao cinema, mas a todas as áreas da cultura, como podemos constatar por iniciativas mais recentes, os investimentos do governo federal na implantação de Pontos de Cultura, Pontos de Leitura, do Programa Cultura Viva, na implantação e da modernização de bibliotecas, do Programa Mais Cultura, que investirá R\$ 4,7 bilhões até 2010 e, mais recentemente, da discussão nacional sobre a reforma da Lei Rouanet. Ano passado, por exemplo, teve Editais de Produção e de Distribuição de Longa-

Metragem e o Programa Ancine de Incentivo à Qualidade do Cinema Brasileiro. O Ministério da Cultura também está criando o Vale Cultura. Esta é mais uma ação no sentido de minimizar o grande déficit de acesso da população brasileira à cultura.

Podemos perceber uma certa renovação no cinema brasileiro e, se ainda não temos uma oportunidade expressiva da produção baiana atualmente no cenário nacional, devemos louvar o trabalho de cineastas baianos da atualidade, como, Edgard Navarro, Tuna Espinheira, José Araripe Júnior, Geraldo Sarno, e tantos outros que não poderia arriscar citar sem faltar algum deles, ou alguma delas, como já vemos também as mulheres buscando realizar os seus filmes. O Brasil já assistiu aos baianos que se destacam nas telonas, como os atores Antônio Pitanga, Dona Chica Xavier, Wagner Moura, Lázaro Ramos, Vladimir Brichta, atores e atrizes do Bando de Teatro Olodum, dentre outros tantos que no cinema ou na televisão representam tão bem a Bahia, sem deixar nada a desejar em relação aos artistas de outros estados...”

Também quero registrar que, a exemplo do que acontece no Ministério da Cultura, a Bahia, que é governada por Jaques Wagner e tem à frente da Cultura o secretário Meirelles – que não se encontra presente por conta de estar cumprindo uma agenda institucional –, também inovou. O nosso Estado encontra esse desafio de promover um novo modelo de desenvolvimento que passa pela cultura.

E assim fechou “(...) o ano de 2008 com um balanço em que 42,2% dos beneficiados pelo Fundo Estadual de Cultura são de projetos do interior ou de projetos intermunicipais. A convocação da sociedade para debater as prioridades de cultura com enfoque regional e territorial repercutiu como um novo momento da cultura na Bahia.

As ações coordenadas com a consulta e a participação popular, de forma sistemática e organizada, favorecem o aprimoramento das políticas públicas. Por isso merecem atenção a criação dos Conselhos Municipais de Cultura e de fóruns específicos de discussão, tais como, as Conferências de Cultura e os Encontros Setoriais de cada linguagem artística...”

Todos esses fatores estão na agenda do governo, promovendo esse debate e tentando criar uma política pública mais inclusiva. Quem sabe a Bahia avance no sentido de se tornar um polo nacional de produção de cinema?

Apesar desse novo momento, sabemos que o desafio é grande. E é importante que tenhamos as pessoas que vão fazer suas falas, porque esse debate será enriquecido com a participação de quem vive no dia a dia esse desafio de promover as questões da cultura.

Muito precisa ainda ser feito. Mas acreditamos que, com a união dos esforços do governo, da sociedade, com a participação dos artistas, iremos avançar e tornar isso concreto no cotidiano das pessoas com um novo tempo.

Queremos agradecer às pessoas que estão presentes e a todos que nos dão oportunidade de celebrar nesta Casa o desafio e as conquistas, a vida das pessoas que contribuíram para as vitórias que podemos comemorar. Agradeço a cada um e a cada uma de vocês. E que a fala, a reflexão, as reivindicações possam fazer com que todos nós avancemos nessa tarefa, que é de todos: de quem está nos espaços institucionais, de quem está nas organizações, de quem está na batalha do dia a dia e de quem é cidadão.

Sejam todos bem-vindos!

Muito obrigada. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr^a PRESIDENTA (Neusa Cadore):- Dando continuidade, concedo a palavra, com muita satisfação, ao filho de Roberto Pires, Petrus Pires, que também irá nos oferecer uma mostra da sua produção.

O Sr. PETRUS PIRES:- Queria primeiro agradecer a todos que compareceram a esta sessão, à deputada Neusa Cadore que promoveu esta homenagem ao cinema baiano e ao meu pai; queria também agradecer a Aléxis que teve a iniciativa de escrever o livro, a biografia, acho que é mais um passo para o reconhecimento e difusão da obra, o reconhecimento ao cineasta Roberto Pires, que a gente está trabalhando para conseguir, enfim, guardar e difundir essa obra da melhor maneira possível.

O que posso falar é que o projeto que a gente tem de restauração do “Redenção” é um projeto que a gente vem carregando há alguns anos, acho que são cinco anos, e ele está em fase final de aprovação junto ao Fundo de Cultura para que, acredito, em dezembro ou janeiro deste ano a gente consiga ter uma cópia do filme restaurado e uma cópia para difusão do filme, para que esse primeiro filme baiano, que é um filme que foi pouquíssimo visto, tenha a dimensão que ele merece.

Fico até meio assim em falar da história do meu pai porque há contemporâneos aqui, prefiro deixar a minha palavra para Orlando, para Oscar, queria agradecer a todo mundo e dizer que a gente vai exhibir agora um documentário chamado “Artesãos de Sonhos” feito por mim e por Paulo Hermida, que talvez tenha sido uma das primeiras ações de recuperação da memória do Roberto Pires, que começou com “Artesão”, hoje é o lançamento do livro e acredito que posteriormente vai ser o lançamento do “Redenção”, “Tocaia no Asfalto”, que a gente também já conseguiu restaurar agora. Vamos assistir ao filme e se alguém tiver alguma dúvida pode tirar comigo. (Palmas)

(Exibição do documentário “Artesão de Sonhos”).

(Continua a exibição do documentário.) (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr^a PRESIDENTE (Neusa Cadore):- Queremos registrar a presença dos familiares de Roberto Pires, sua esposa Dona Laura Pires, sua filha Crisma Pires, seu filho Alex Pires e a sua neta Raina Pires. Registrar também a presença do presidente da Associação Comercial da Bahia, Dr. Eduardo Moraes de Castro; do presidente da Associação dos Técnicos de Nível Universitário da Embasa, Dr. Alberto Sampaio de Oliveira Filho.

Dando continuidade, concedo a palavra à deputada Fátima Nunes pelo tempo de 5 minutos.

A Sr^a FÁTIMA NUNES:- Bom-dia a todos e a todas. Sei que todos ficam com o coração cheio de alegria, de lembranças e também de energias para o trabalho futuro.

Quero parabenizar a deputada Neusa Cadore pela brilhante iniciativa de convocar aqui os artistas, cineastas, produtores, câmeras, quem sabe quantas funções existem para poder preparar um produto cultural dessa qualidade, dessa magnitude e apresentar para a sociedade brasileira e para a sociedade mundial. Parabenizo, portanto, a deputada Neusa Cadore e em nome dela também todos os que estão fazendo parte da

Mesa, cumprimentando também o Dr. Póla Ribeiro, diretor do IRDEB, que tem essa missão de cuidar dessa instituição pública, que certamente, nesse momento, estamos aqui: poder público, sociedade civil, que é parte desses empreendimentos culturais, dessas iniciativas brilhantes que ajudam, que transcendem para as gerações futuras essa nova cultura.

Eu estava observando que muitas vezes, nos debates importantes que são feitos nesta Casa, as pessoas vêm com o objetivo de encontrar, num dia como hoje, pela manhã, os deputados e, às vezes, a quinta-feira geralmente é um dia de sessão e muitos têm compromissos nas secretarias, também nos seus interiores, nas suas regiões e por isso alguns faltam. Mas, com certeza, a deputada Neusa faz como a deputada Fátima Nunes prepara um CD da sessão com os pronunciamentos e entrega para cada um, para que assim possam participar e saber do compromisso, da responsabilidade que têm com o futuro da nossa Bahia em todos os setores, inclusive na arte e na cultura, já que isso é que faz também o complemento da nossa alegria, da nossa felicidade.

Enquanto estava aqui assistindo à nossa primeira iniciativa, como disse o Petrus, de resgatar a história desse grande cineasta, eu fiquei lembrando quantas vezes, em nossas cidades do interior... e lembrei exatamente de Paripiranga, a minha terra natal, nos anos que vocês estavam aqui na capital produzindo e nós estávamos lá aguardando para assistir às produções. E hoje nos faz falta, em nosso interior, aquele som do cinema que bradava para toda a cidade anunciando que já era hora de começar o filme. Era uma marca, todos os dias era aquele mesmo som, tocava várias músicas durante o ingresso das pessoas no ambiente, mas no momento exato havia o som oficial que bradava para todas as cidades. E quem estivesse comendo pipoca no jardim, quem estivesse tomando um sorvete no bar ou na bodega corria logo, porque já era hora de começar o filme.

E quero dizer isso para lembrar quantos conteúdos, quantos temas, quantos assuntos envolviam a comunidade, principalmente a juventude, para que ficássemos, digamos assim, entretidos, mas também com um conhecimento, uma mensagem que era traduzida por aqueles filmes a que nós assistíamos.

É claro que havia alguns mais assombrados, como eram chamados, mas eles também tinham muito conteúdo. E tenho falado bastante isso aqui na sessão, igualmente nas reuniões de que participo no interior com a juventude e a comunidade católica da qual faço parte. Como nos faz falta a cultura que é cultura, que tem conteúdo, vida, valores, sentimentos. Mas nos últimos tempos, perdoem-me se estiver ofendendo alguém, temos visto a troca desses valores na cultura e a introdução de uma outra cultura, a do besteirol, com tanta música que não tem conteúdo e tanta coisa na televisão que não ensina nada a ninguém.

Por isso, encerrando, gostaria de parabenizar todos que estão presentes a este Plenário, pois tenho certeza de que quem veio a esta sessão hoje é exatamente porque tem no seu sentimento, na sua mente, no seu coração um desejo de transbordar a cultura de valores que serve à nossa sociedade.

Serve para que a gente seja homem de bem, mulher de bem, contribuindo para a alegria e felicidade de todos. Parabéns! Contem com a nossa presença e a nossa ação. Sei que, às vezes, há temas que são mais minuciosos e nem sempre temos o conhecimento total, mas o importante é que a nossa força política, o nosso mandato

nós colocamos à disposição.

Parabéns! Sucesso a todos vocês, homens e mulheres que se dedicam a essa cultura e a essa arte. (Palmas!)

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr^a PRESIDENTA (Neusa Cadore):- Gostaria de registrar, com muita satisfação, as presenças de Luís Paulino dos Santos, roteirista e diretor de cinema, e da ABFV no Plenário. Temos aqui o presidente Lula Oliveira, o vice-presidente Joel Almeida e, também da diretoria, a Gisela Tapioca. (Palmas!) Temos ainda a presença da equipe de produções, na pessoa de Hamilton Oliveira, do presidente da Casa do Cinema da Bahia, Lázaro Farias, do cineasta Pedro Paulo Rocha, do assessor de Comunicação da TVE Bahia, Marcos Pierre, do documentarista Carlos Pronsato, de Diane Gurgel, diretora executiva da Trapiche, de Walter Lima, da VPC, que é sócio-diretor, e da Cambuí Produções, na pessoa de Tiago Alves de Oliveira. (Palmas!)

A Sr^a PRESIDENTA (Neusa Cadore):- Dando continuidade, concedo a palavra ao professor e pesquisador de cinema Sr. Eduardo Borges, pelo tempo de 5 a 7 minutos.

O Sr. EDUARDO BORGES:- Bom-dia a todos e a todas. Como disse a deputada Neusa, não sou dessa geração que produziu este cinema baiano. Mas é justamente por não ter sido dela e principalmente pelo fato de não ter vivido esse movimento cultural - que é muito mais do que cinematográfico, foi cultural na Bahia nos anos 50 - nem conhecer o filme produzido naquela época que eu me senti como um baiano, possivelmente como a maioria dos baianos da minha geração, que não conhecia o cinema e a cultura feitos neste Estado naqueles anos. Então, o meu encontro com essa geração e esse movimento, a curiosidade de conhecer um pouco mais, surgiu principalmente quando eu li pela primeira vez um pequeno trecho citado pelo decano da crítica cinematográfica brasileira Paulo Emílio Sales Gomes que faço questão de ler, possivelmente, vocês terão a mesma sensação que eu tive. (Lê) *“O movimento cinematográfico da Bahia não é um acontecimento isolado. Para compreendermos e para que ele próprio se compenetre, será necessário situá-lo num conjunto de fenômenos artísticos e sociológicos no tempo e no espaço. Será preciso repensarmos tudo, do barroco à 'Petrobrás', a fim de vermos organizarem-se as linhas de acontecimento de importância nacional e para o qual a única expressão será a de Renascença Bahiana.”* Isso foi dito por um não baiano. Marcou-me muito o reconhecimento do Sul do País ao que a Bahia estava fazendo nos anos 50 que possivelmente os baianos não conheciam e possivelmente os baianos de hoje conhecem menos ainda. Então isso para mim se tornou um desafio de tentar me aprofundar no conhecimento e trazer à tona o que os baianos estavam fazendo.

Nesse momento, eu comecei a encontrar com coisas, com pessoas, com movimentos tipo as revistas *Mapa e Ângulos* que muitos baianos não conhecem mas que marcaram época na cultura baiana, com a *Yemanjá Filmes*, do Glauber Rocha e Cia., com a *Iglu Filmes*, com pessoas como Lina Bobardi que veio aqui a convite do governador Juracy para criar e apostar na cultura baiana, no Museu de Arte Moderna, no Teatro Castro Alves. Houve o encontro com Edgard Santos, reitor que marcou época na Bahia e na cultura baiana, com pessoas como Glauber Rocha, Carlos Nélon Coutinho, Orlando Senna, Luís Paulino, Oscar Santana, Hamilton Correia, Milton

Gaúcho, por exemplo, uma grande marca desse cinema também; com Walter da Silveira, Guido Araújo. Enfim, eu fiquei meio que íntimo de todos eles indiretamente e isso para mim foi um prazer muito grande. E a minha sensação, cada vez que eu conhecia mais esse período e o que essas pessoas, esses baianos efetivamente estavam fazendo, a repercussão e o peso nacional, e mesmo internacional do trabalho desses baianos, me fazia cada vez mais confiar e apostar de que a Bahia pode, sim, continuar sendo uma grande referência nacional e internacional, e aí eu já me refiro à contemporaneidade. Porque a minha sensação era sempre de que as pessoas, os baianos contemporâneos, precisavam saber que existiram esses baianos e que esses baianos fizeram isso. Esse foi o meu grande desafio. Esse trabalho acabou resultando numa dissertação de mestrado defendida na Universidade Federal.

O que eu posso dizer hoje é que para mim foi um ganho extremamente importante do ponto de vista cultural. É aquela velha história, cada vez mais que eu me aprofundava no conhecimento, mais orgulho tinha de ser baiano. Eu acho que essas não são palavras ao vento. Acho que nós temos, sim, sem nenhum nacionalismo ou bairrismo, seja lá o que for, mas nós temos, sim, que ter muito orgulho desses baianos que não ficaram aqui, foram construir a Bahia fora do Brasil, que levaram a Bahia ao mundo. Muitos baianos contemporâneos continuam fazendo isso. Esse continua a ser o grande desafio.

Portanto concluo essa minha fala agradecendo à deputada Neusa pela sensibilidade de ter apostado nessa causa. Porque para mim, acho que para todos que estão aqui presentes, para todos que amam o cinema baiano, seja nos anos 50, seja no século XXI, o cinema continua sendo uma grande causa.

Obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr^a PRESIDENTA (Neusa Cadore):- Registro as presenças do Cineclub Roberto Pires na pessoa de Néelson Cerino; da diretora de audiovisual da Funceb, Sr^a Sofia Frederico; também da Funceb o Sr. Roque Araújo; de Guido André Sampaio de Araújo, produtor cultural da UFBA; de Jonicael Cedraz, representante da Abraço; do Cine Clube Salvador na pessoa de Valquíria Costa; a presença do presidente da Câmara Baiana do Livro, Sr. Marco Aurélio Shommer; e a presença do vice-presidente da Associação Baiana de Cinema e Vídeo, Matheus Oliveira Damasceno. (Palmas)

Com muita satisfação, concedo a palavra ao cineasta, jornalista, já foi Secretário Nacional de Audiovisual do Ministério da Cultura, o Sr. Orlando Senna. (Palmas)

O Sr. ORLANDO SENNA:- Bom dia a todos, esse dia que já é mais do que bom só pelo que está acontecendo aqui. Estava pensando há pouco que iria chegar a minha vez de falar e estava imaginando a qual aspecto de Roberto Pires eu vou me referir, a qual deles. A sua generosidade imensa com relação aos seus amigos, com relação aos seus aprendizes, com relação a sua família, com relação ao mundo; a sua importância no grande movimento do cinema novo, grande no sentido de profundo e também por ter se espalhado pelo Brasil e pelo mundo e se espalhou até hoje. O cinema novo é uma referência de cinema mundial, ainda nesse momento.

O inventor Roberto Pires, ou seja, são tantos aspectos que eu estava aqui exatamente pensando a qual deles eu podia me referir, alguns deles já mencionados

aqui. E há pouco, aí fora, fui entrevistado e disse uma coisa que aliás está no livro, publicado no ano passado *O Homem da Montanha*, e que vou repetir, muita gente aqui conhece esse aspecto da vida e da obra de Roberto Pires, mas talvez outros não conheçam e é sempre bom bater em pontos muito interessantes.

Logo depois que Roberto Pires fez *Redenção* e ouvimos no documentário de Petrus Oscar falando como o Roberto inventou a lente anamórfica, mas ele não fez apenas isso em *Redenção*, além da invenção da famosa lente anamórfica, ele também inventou o som magnético no cinema, cortando uma fita magnética comum de gravação sonora na medida exata para colocar no filme, que é uma coisa milimétrica. Ele fez esse corte e colou à mão nos três mil metros de imagem.

Quando se diz aqui que Roberto Pires inventou ou reinventou o cinema é verdade. Essa é a história que quero contar. Isso se espalha, o lançamento do filme é exibido em Salvador, depois é exibido no Rio etc e muitas pessoas tomam conhecimento desse filme. Menos de um ano do lançamento do filme aqui e no Rio, não sei se Oscar se lembra disso, aparecem em Salvador dois americanos, dois representantes da Motion Pictures Association, ou seja, a Associação dos Grandes Produtores de Hollywood, que queriam conhecer Roberto, falar com ele porque tinham muitas perguntas para fazer, exatamente como ele tinha feito um filme com lente anamórfica e som magnético num lugar onde essa tecnologia não estava ao alcance. Na verdade, naquela época o cinema era uma tecnologia muito reservada para os ricos. A gente fazia cinema aqui com as sobras, os restos dessa tecnologia. Roberto deu o salto, dizendo: não vou usar os restos da tecnologia, eu vou criar a minha tecnologia.

Pois bem, esses homens vieram, conversaram com Roberto, assistiram ao filme, examinaram e voltaram para Hollywood. Não durou muito tempo em que, primeiro, a Associação dos Grandes Produtores, a Motion Pictures, patenteou o conceito anamórfico, ela não patenteou uma lente anamórfica, cinemascope, todalscope, as várias scopes que havia na época, patenteou o conceito anamórfico: “Ninguém pode fazer lente anamórfica, a não ser Hollywood”. Também na mesma época trocou a tecnologia do som no filme de magnético para ótico.

Eu sempre achei, e Roberto sempre desconfiou, que a aventura de *Redenção* não apenas mudou o cinema no Brasil, porque, a partir dele – principalmente aqui na Bahia e no Rio –, as pessoas passaram a acreditar que era possível, por isso foi feito o Cinema Novo, mas também mudou tecnologicamente o cinema em nível planetário.

Os americanos não acreditavam que se podia fazer cinema, de A a Z, em um quintal, no fundo da América Latina. E Roberto Pires provou isso e fundou o novo cinema de todas as Américas. Não foi somente aqui no Brasil, mas em todos os países da América Latina. Ou seja (palmas), estamos falando de um homem que vai muito além do seu tempo, de um homem que pode ser considerado como um herói da baianidade e da brasilidade.

Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr^a PRESIDENTA (Neusa Cadore):- Concedo a palavra a Pola Ribeiro, também cineasta e atualmente diretor presidente do IRDEB, representando a Secretaria de Cultura do Estado da Bahia.

O Sr. POLA RIBEIRO:- Escrevi o que vou falar porque sei que o tempo é curto. Márcio estava comprometido de vir para anunciar, Petrus, que seu filme passou ontem, mais uma vez, pela comissão. Só estão faltando detalhes, mas o filme vai ser restaurado, graças a Deus, pelo fundo; O Leão de Sete Cabeças também.

Deputada, obrigado pela sessão. Paulo Emílio falou que o cinema é um fato isolado na Bahia, mas o cinema nunca pode ser um fato isolado, tem de estar enraizado e se relacionando.

Saúdo muito a Assembleia neste momento, deputada, que está colocando o mandato à disposição para podermos discutir as questões do cinema, marcando esta sessão com a presença de Eduardo Castro, da Associação Comercial. Chegamos aqui e ele já está propondo associações de audiovisual; a Associação Comercial está pensando em audiovisual, que também é muito bacana para nós.

(Lê) *“Falar de Roberto Pires é falar de paixão e de invenção...”* Aliás, é um lugar comum, porque todos já falaram. Isso também me levou a escrever, porque eu sabia que muitas pessoas estariam falando sobre ele.

“(...) Estes são os dois grandes investimentos que precisam ser feitos para viver cinema. O outro que é para sobreviver com cinema é a dedicação, a compreensão da cadeia econômica e a inserção nela...” É um pouco disso que estou falando, a quebra do isolamento e a capacidade de trabalhar em equipe e de se relacionar.

“(...) Ele foi combustível dessa cadeia, e a imagem que me veio à cabeça na hora em que escrevi este texto, foi de Chaplin circulando entre as engrenagens de rodas dentadas da indústria.”

Rodas essas acionadas por ele próprio. Ele próprio apertava o botão e circulava pelas rodas.

(Lê) *“Roberto era protagonista. Atuou em todas as posições do cinema e as vezes ao mesmo tempo.*

Sua capacidade de juntar paixão e profissionalismo, fora definitivas na minha opção pelas atividades audiovisuais.

'Gosto de brincar disso e vou me dedicar a isso'. Trabalho desalienado, talvez a maior conquista de um cidadão.

Bicho de Cinema, Cidadão Cinema. Roberto transpirava, inspirava e contagiava.

Era bom estar ao seu lado e compartilhar desejos. Roberto era um executor.

Sabia da responsabilidade que devemos ter com os nossos sonhos.

Uma das imagens mais marcantes que permanece viva na minha cabeça não é vê-lo sentado em uma moviola, não é circulando pelos cenários construídos para 'Abrigo Nuclear' no Parque de Exposições, dirigindo e vestido com o figurino do Comandante da Nave, na Sani com Oscar, ou com Rex, ou sendo colocado por Walter Lima para coordenar projetos, mas a memória mais rica é no Hotel Príncipe em Anápolis, onde estávamos hospedados em campanha, ele queria fazer o 'Césio 137' e que passamos horas envolvidíssimos em seu quarto, assistindo ao maior clássico do Cinema Baiano 'A Grande Feira' e ele com o controle total, remoto na mão e discurso afiado, disponibilizava as cenas, as sequências e os comentários de linguagem e de produção, de política. Momento lindo! É essa imagem de desfrute e compartilhamento, quase privado da sua existência, da minha existência, que eu invoco nesta mais que

justa homenagem que a Deputada Neusa Cadore, proporciona à Bahia”.

A senhora proporciona à Bahia nessa homenagem podermos fazer o reconhecimento dessas maiores virtudes do cinema que, acho, estavam com ele. Onde quer que ele esteja, está conosco.

Quero falar de mais algumas pessoas que estão aqui: Fronsac, Lázaro Farias, Lu Cachoeira, Pedro Rocha, Marcos Pierri, Mateus Damasceno, Chico Argueiro, Edgar Navarro, Hamilton Oliveira, Carmem Lúcia, Gisela, Lola, Laura Bezerra, Laurinha, Roque Araújo, Diana Gurgel, Valter Lima, Fátima Fróes, Saada Mendes, Jonicael Cedraz, Joel, e Lula, nosso presidente.

Muito obrigado a todos.

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr^a PRESIDENTA (Neusa Cadore):- Concluindo os registros das presenças: o cineasta Francisco Argueiro, o cineasta Edgar Navarro; o diretor do Cine Clube Roberto Pires, Júlio César Domingues; Fátima Fróes, do Setorial de Cultura do PT; Marcos Gonçalves, assessor da Vice-Reitoria da Uneb; Lola Laborda, da Associação Baiana de Cinema e Vídeo.

Dando continuidade, concedo a palavra a André Setaro, professor de Cinema na UFBa e crítico cinematográfico.

O Sr. ANDRÉ SETARO:- Além das invenções, como assinalou Orlando Senna, da lente anamórfica e do som magnético, a grande importância de *Redenção* é que, batendo na tela do Cine Guarani em 1959, demonstrou que fazer cinema na Bahia era possível. O filme de Roberto Pires despertou a vontade de outras pessoas que queriam fazer cinema, a exemplo de Rex Schindler, do próprio Glauber Rocha, Braga Neto, David Singer, entre outros nomes.

Roberto Pires é pioneiro não somente pelo filme *Redenção* em si, mas por esse despertar, por essa revelação de que o cinema na Bahia podia existir. Antigamente, as pessoas riam quando se pensava em fazer filmes na Bahia. E o filme dele *A Grande Feira*, por exemplo, que já tinha uma produtora constituída, obteve a maior bilheteria do ano de 1961, superando inclusive *Ben Hur*, de William Wyler, com Charlton Heston, considerado o grande filme do momento. O filme teve essa grande bilheteria, porém não houve continuidade.

Os filmes do chamado ciclo baiano não obtiveram uma boa circulação no mercado exibidor do território brasileiro, foram boicotados no Sul do país, inclusive. Estou pensando nisso porque, hoje, por exemplo, a realidade do cinema baiano é difícil. Do ano 2000 para cá, foi feita quase uma dezena de longas que não foram exibidos.

O problema todo, o nó górdio está no tripé produção, distribuição e exibição. Na Bahia, nos últimos 10 anos, produzimos quase 10 filmes, mas eles não são exibidos. Esse é o grande problema! Produzir para quê? Para que produzir um filme na Bahia, através de editais e etc., se eles não conseguem circular, porque, hoje, no cinema brasileiro, quem exhibe seus filmes nas grandes salas são aqueles diretores do Sul, que fazem parcerias com as multinacionais, que dominam 99% do mercado exibidor.

Então, agora deixo uma questão que na verdade nem eu sei responder: de que vale produzir sem exhibir? Eu vou terminar a minha fala porque não sou deputado! Parabéns a Petrus Pires pelo empenho no resgate da obra de seu pai. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr^a PRESIDENTE (Neusa Cadore):- Concedo a palavra a Oscar Santana, cineasta e produtor de cinema.

O Sr. OSCAR SANTANA:- Bom-dia a todos.

Inicialmente, quero agradecer à deputada Neusa Cadore pela iniciativa de resgatar esse momento importantíssimo da cultura baiana e brasileira que é o lançamento de Redenção em 06 de março de 1959. Como estamos no ano de 2009, temos ainda bastante tempo para comemorar esse acontecimento importantíssimo, que precisa ser decantado para servir também de incentivo aos cineastas que saem das universidades todos os anos, pretendendo fazer cinema.

Meus amigos, escrevi um texto que talvez passe um pouco do tempo. Não sei se será possível ir até o fim.

(Lê) “ ‘Se queres ser universal... Canta a tua aldeia’.

Assim o grande escritor russo Leon Tolstoi projetou no tempo, o desejo permanente do ser humano, de se tornar reconhecido como um importante fragmento da humanidade.

Se você projeta a sua terra, o lugar onde vive e convive, se festeja com sabedoria e devoção seus hábitos e costumes, por certo, estará derramando mundo afora, uma porção da verdade de sua gente e de si mesmo.

A genialidade, essa capacidade do ser humano de falar para o futuro, não está no ato de criar, mas no ato de recriar com sabedoria e zelo o que seus olhos e ouvidos atentos, puderam perceber, nos arredores da vida.

Se formos para além do pragmatismo, poderíamos até, com a devida licença poética, afirmar que a criação não existe. Afirmar, por exemplo, que depois de Deus, o supremo artífice das coisas, e da vida, só nos resta, humildemente, atos permanentes de recriação.

Na Bahia dos anos 50 e 60 este exercício de recriação foi exercitado de uma forma semiconsciente, mas construtiva, principalmente pelos jovens artistas: fosse nas artes plásticas, na literatura, na música, no teatro ou no cinema.

Quando pensamos fazer cinema, sem perceber, estávamos iniciando um ciclo. O Ciclo do Cinema Baiano.

Na Bahia daqueles tempos, antes de nós – Oscar Santana e Roberto Pires, que pensávamos alto com a produção de um longa-metragem feita por baianos –, outros cantadores de imagens da terra, como Alexandre Robato, por exemplo, produziram, em voos mais curtos, documentários importantes como: ‘Puxada de Rede’, ‘Entre o Mar e o Tendamal’ e muitos outros.

Mas, a nossa inquietação, principalmente a minha e do Roberto, a nossa ansiedade em reinventar, conscientemente, coisas e processos já inventados, eram uma desculpa real para nossa incapacidade material de comprar prontas as nossas ferramentas de trabalho.

Foi desse jeito, teimoso, desacreditado de fazer o impossível, que produzimos o ingênuo ‘O Calcanhar de Aquiles’, com certeza, o primeiro trabalho ficcional do cinema baiano. Um policial silencioso, com algumas legendas postas sobre a imagem, diretamente na hora da filmagem. Neste filme, por absoluta falta de crença em nosso

trabalho de alguns improvisados atores, tive que interpretar um dos papéis do filme, sendo eu, também, o câmera. Disparava a câmera KEYSTONE ainda de corda, e corria para frente dela para interpretar o meu personagem, sob a direção ainda vacilante de Roberto Pires.

Depois desta experiência ficcional e sob mais uma forte influência tecnológica do cinema americano produzimos o documentário *A Bahia - em Visão Natural*, que era, na verdade, o primeiro teste de mais uma recriação nossa, agora no campo da tecnologia, o embrionário Igluscope.

Fazer o nosso projeto ficcional *Redenção em tela plana*, quando os americanos já haviam produzido *O Manto Sagrado*, uma superprodução em cinemascope, seria começar com enorme retardo. E isto não seria um grande feito da nossa aldeia! E alguns fotogramas, retirados clandestinamente pelo operador do antigo cinema Guarany, hoje Glauber Rocha, foi a única informação que tivemos para perceber como fabricar, ainda que de forma artesanal, a nossa lente anamórfica, designação para o novo processo de registro de imagens distorcidas, recém criado.

Diante dos cinco fotogramas que obtivemos da película *O Manto Sagrado* notamos que as imagens eram comprimidas no sentido longitudinal, dentro do mesmo espaço do fotograma convencional dos filmes de tela plana, ou seja, de 35 milímetros.

Depois de oito meses de trabalho, muitas experiências testadas sem resultado satisfatório, no auditório da Associação dos Empregados no Comércio da Bahia na Rua Chile, telas retangulares gigantes, feitas de madeira e pano branco, assustavam o velho Tourinho, administrador da Associação. Ele nos permitia tais experiências, contudo ressaltava sempre, a sua preocupação com nossa geringonça, a tela gigante, que um dia poderia fazer desabar o teto do salão nobre do velho sobradão, onde fixávamos a tela. E mesmo sob a expectativa dessa possibilidade real, continuávamos tentando ansiosamente. Certo dia, depois de testados 22 pares de lentes, com o teto do salão nobre da Associação, ainda no lugar, obtivemos resultado desejado.

Assim, foi recriado pelo cinema baiano, brasileiro, sul americano, cinemascope, ou melhor, o Igluscope. Portanto, nos igualamos orgulhosamente ao cinema tecnologicamente mais moderno do mundo então.

Com as novas lentes rodamos *Redenção*, o primeiro filme baiano de longa-metragem, com a participação financeira do filho de cacauicultor, Elio Moreno Lima, cunhado de Roberto.

Com aquele filme decantamos a nossa aldeia, com nossa ousadia, nos pensamos universais.

Como a produção de cinema na Bahia era uma grande novidade na época, essa novidade e a nossa obstinação cativaram o dono de uma lanchonete da Praça da Sé chamada Iglúe percebemos que muitas vezes, ele mantinha a casa aberta até a nossa chegada, depois dos trabalhos noturnos de pesquisa. E ainda 'dependurava' as nossas contas até termos condições de pagá-las no final de cada mês. Desse gesto de tolerância, boa vontade e incentivo, vindos de um simples comerciante da Praça da Sé dos anos 50, decidimos dar o nome da lanchonete à jovem e pioneira empresa: Iglu Filmes.

O exibidor Francisco Python emprestando o cinema Guarany, nos permitia avaliar o resultado de nossas experiências cinematográficas, principalmente as que se

seguiram depois, lá contando com os parceiros Rex Schindler e Braga Neto, como co-produtores.

Desde os tempos da minha dupla com Roberto, eram visíveis os diferentes conceitos que tínhamos, para uma mesma paixão, o Cinema. Roberto era um cineasta artesão, intuitivo, inventivo, muito preocupado com a forma, o jeito de filmar.

Eu me articulava dentro da mesma arte, com um sentimento mais voltado para o conteúdo do que filmamos. As discussões sobre forma e conteúdo eram constantes, e por isto mesmo, ferramentas importantes na composição dos trabalhos da Iglu Filmes. Talvez por isto, a nossa parceria tenha se completado tão bem, principalmente no início de nossas carreiras.

De lá para cá estas sementes deixaram frutos verdadeiros caminhos da arte e no cinema por exemplo, nós cineastas da época, em conjunto, conseguimos produzir 18 filmes de longa-metragem, como Redenção, Barravento, A Grande Feira, Tocaia no Asfalto, Sol sobre a lama, Bahia - Por exemplo, O Caipora, Deus e o Diabo na Terra do Sol, O Grito da Terra, Akipalô, Meteorango Kid, Caveira my fried, Boi Aruá, O Anjo Negro, O Pistoleiro, Abrigo Nuclear, Yawar Mayu e o O Mágico e o Delegado, compondo um investimento privado equivalente hoje a R\$ 54.000,000,00, se considerarmos o custo médio de R\$ 3.000.000,00 por filme.

Em 1984, interrompeu-se, por absoluta falta de recursos de cineastas e produtores, e não de talentos, o ciclo de produção cinematográfica na Bahia, só retornado, palidamente, muitos anos depois, com a participação do governo estadual.

Vale salientar que a identificação cultural entre os artistas das diversas artes na Bahia dos anos 50 e 60, era tão real, que a maioria dos filmes daquela época, além de atores como Geraldo Del Rev, Helena Inês, Antônio Pitanga, Milton Gaúcho, Braga Neto, Fred Jr., tinha a participação de artistas plásticos como Santi Scaldaferri e Calazans Neto; escritores como Jorge Amado e Luiz Henrique Dias Tavares; críticos de cinema como Walter da Silveira, que atuavam em nossos filmes, às vezes como atores, às vezes como simples figurantes.

No Rio, Roberto fez depois 'O crime no Sacopã', 'Máscara da Traição', 'Em busca do Sussejo', comigo novamente, 'Abrigo Nuclear' e 'Césio 137', em Brasília. Eu permaneci aqui por decisão própria e por amor à Bahia e através da SANI FILMES, com 48 anos de atividade contínua, procurei, dentro de minhas possibilidades, incentivar e ajudar os cineastas da nova geração, como Edgar Navarro, Pola Ribeiro, Lazaro Faria e, mais recentemente, Sérgio Machado quando fez o filme 'Troca de Cabeças', a prosseguirem realizando o sonho baiano de continuar fazendo cinema aqui. Impaciente, pela minha própria ausência no campo de longa-metragem, ainda em 2009 quero realizar 'Brasilianas', uma comédia de costumes vividas nos dias atuais, mas com sentimentos de 50 anos atrás, no qual tento resgatar, pelo menos no cinema, dois importantes comportamentos humanos tão fora de moda no mundo – a sinceridade e a solidariedade –, tudo em forma de comédia. No elenco, alguns atores globais e um time de atores e atrizes baianos de meter inveja. Brasilianas será a minha homenagem aos 50 anos de Redenção.

E nós cineastas baianos, que um dia reformulamos, usando recursos próprios, a cara e a coragem do cinema brasileiro, temos certeza de que dias melhores virão para o cinema daqui, para os nossos cineastas e para o próprio orgulho do povo da Bahia,

essa gente miscigenada, alegre e sábia, que, por isso mesmo, tem ideias universais.

Falando em ideias universais, vale recordar que, na Rússia gelada de sempre, depois de lutar na Guerra da Crimeia, Leon Tolstoi iniciou sua carreira literária inspirando-se nas experiências do que vira e sentira durante sua vida militar e nas andanças pela Europa após a guerra. Em 1910, aos 82 anos, abandonou a sua casa no campo, em companhia de sua médica e de sua filha mais nova, em busca de um lugar onde pudesse sentir-se mais perto de Deus.

Em novembro do mesmo ano, morre de pneumonia na Estação Ferroviária de Astapovo na Província de Riazam. Enquanto isto, nos trópicos baianos do quase ontem, no continente sul-americano, Glauber Rocha, Roberto Pires, Agnaldo Siri Azevedo, Olney São Paulo, José Teles de Magalhães, Fernando Coni Campos, cineastas baianos, não tiveram a mesma sorte. Não chegaram, como Tolstoi, aos 82 anos, morreram ainda jovens, todos, com o mesmo sonho cinematográfico.

E eu, Oscar Santana, um dos remanescentes desse punhado de jovens obstinados, crentes de que sua terra é o melhor lugar do mundo para se conviver e recriar, em nome deles e no meu próprio, apelo em alta voz: Srs. Empresários, Srs. Políticos, Srs. Governantes, *salvem o que resta da competência e do entusiasmo do velho e do novo cinema baiano e nos permitam cantar mais alto a nossa aldeia, para torná-la cada vez mais universal.*”

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr^a PRESIDENTA (Neusa Cadore):- Dando continuidade, concedo a palavra a Guido Araújo, que além de cineasta é diretor da Jornada Internacional do Cinema da Bahia.

O Sr. Guido Araújo:- Serei breve. Quero agradecer a iniciativa da deputada Neusa Cadore, que é muito oportuna, e depois eu vou entregar a Petrus um material que eu tenho sobre *Redenção* que talvez tenha alguma coisa, mas talvez nem tudo. Mas tem um significado muito grande.

O lançamento de *Redenção* foi um realmente um acontecimento na imprensa, fantástico. A cobertura que a imprensa deu foi incrível. Agora, eu devo dizer o seguinte: quando nós fomos realizar a primeira retrospectiva do cinema baiano, em 1971, eu procurei Roberto Pires, lógico, e queria iniciar com *Redenção*, mas ele mesmo disse que para esquecer, porque *Redenção* foi um filme importante por ser o primeiro e foi a oportunidade para ganhar experiência, porém é um filme amador, de iniciante.

Então, deu a entender que eu deveria iniciar com a *Grande Feira*, que, realmente, foi não só um grande passo à frente na sua filmografia, como também até hoje eu acredito que foi o maior sucesso do cinema baiano. E de fato o filme marcante é esse.

Mas não resta dúvida, é extremamente louvável esse esforço do Petrus para restaurar *Redenção*, porque, deixando de lado esse aspecto artesanal e ainda meio amadorístico do filme, *Redenção* tem um papel importante por ter sido o primeiro longa-metragem baiano. Em segundo lugar, porque, como disse aqui um dos oradores, ele despertou a possibilidade de outro desejarem fazer cinema. Agora, nesse aspecto também não devemos esquecer certas questões, por exemplo: isso tudo foi possível, como está ali Luiz Paulino, que já antes em curta-metragem vinha fazendo cinema,

como outros jovens da Bahia, como o próprio Gláuber Rocha, porque o momento é de extrema importância. Não devemos esquecer que foi na década de 50 que surgiu a Petrobras, e isso foi uma coisa determinante de realizações não só na área de cinema, mas em todas as artes, na imprensa e, sobretudo, no surgimento da própria Universidade Federal da Bahia.

Então, a sociedade baiana, naquele instante, vivia um momento extremamente propício para o desenvolvimento das suas artes.

Outra coisa que eu queria ressaltar é o seguinte: às vezes, a gente fala numa homenagem como essa e esquece os técnicos na área cinematográfica. Há uma figura que ninguém citou aqui, mas que teve um papel imensamente importante, e eu sou testemunha disso, que foi Hélio Silva, porque quando eu vim exhibir o *Rio 40 Graus*, proibido ainda, foi naquele momento que veio o Nelson Pereira dos Santos, o Hélio não veio, mas estava a fotografia dele.

O Leão Rosenberg, pouco depois, justamente por meu intermédio, fez - fizemos - dois filmes para a Petrobrás. Foram os primeiros filmes feitos pela empresa na Bahia, um sobre a produção e outro sobre Mataripe. E foi naquela ocasião que aquelas pessoas que queriam fazer cinema na Bahia começaram a fazer contato com o Hélio Silva, que foi, portanto, uma peça fundamental para esses - como foi o caso do Roberto Pires - que queriam fazer cinema mas não tinham ainda condições nem experiência. Então, não foi por acaso que na hora em que o Roberto foi fazer o filme chamou-o para fotografar. E depois o chamou também para o outro.

Como o tempo não me permite falar mais, eu queria pelo menos deixar este registro. E dizer também que, de fato, o papel que Roberto Pires desempenhou no cinema baiano como pioneiro e batalhador é da maior importância. E é um motivo de reconhecimento e orgulho para todos nós saber que, inclusive aqui na Assembleia Legislativa, se procura ressaltar isso.

Obrigado.(Palmas!)

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sra. PRESIDENTA (Neusa Cadore):- Concedo a palavra a Aléxis Góis, jornalista e documentarista, autor do livro *Roberto Pires - o Inventor de Cinema*, que será lançado logo após o encerramento desta sessão. Por 5 minutos.

O Sr. ALÉXIS GÓIS:- Bom-dia.

Primeiro, eu gostaria de agradecer à deputada Neusa Cadore pela homenagem ao cinema baiano. Agradeço também à Assembleia Legislativa, nas pessoas do Paulo Bina e Délio Pinheiro, pela oportunidade de escrever um livro, este que vai ser lançado agora, dentro da coleção *Gente da Bahia*.

Eu só tenho a agradecer a todas as pessoas que estão aqui, ao Cineclube Roberto Pires, do qual faço parte, e à família do Roberto Pires, que me acolheu alguns dias em que estive ali para fazer minha pesquisa.

Quero falar também da importância de momentos como este, pois foi num deles, no lançamento do *Artesão dos Sonhos*, que nós vimos agora, que tive a ideia de fazer o filme. Apesar de ser baiano e gostar de cinema, não tinha conhecimento da obra do Roberto Pires. Não só da dele, mas também da de outras pessoas que depois, pela pesquisa, vim a descobrir. É em momentos como este que a gente reforça a nossa

história, o nosso registro e passa a conhecer melhor outras histórias. Há outras boas iniciativas aqui na Bahia: a do Petrus de restaurar o filme *Remissão e a do site filmografiabaiana*, que tem uma pesquisa extensa.

Espero que oportunidades como esta se multipliquem e continuem a surgir presentes em nossa vida. (Palmas!)

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr^a PRESIDENTA (Neusa Cadore):- Antes de concluir esta sessão, eu gostaria de convidar a todos e a todas para o lançamento do livro do Aléxis, que tem o título *Roberto Pires - o Inventor de Cinema*. Será feito na sala ao lado deste Plenário. É o sexto volume da coleção *Gente da Bahia*, uma iniciativa importante da Assembleia Legislativa, que oferece possibilidade de reconhecimento a personalidades importantes do Estado.

Informamos também que, além do lançamento, teremos ali a presença do próprio autor autografando sua obra.

Quero ainda falar da nossa alegria em ter compartilhado com vocês este momento. Como disse no início, com certeza, esse é um dos momentos de celebração desses 50 anos.

Queria agradecer, muito carinhosamente, a fala, a manifestação e o testemunho, importantes para todos nós, das pessoas da Mesa; agradecer a cada um que veio e que deu a oportunidade de realizarmos esta sessão.

Em nome do Poder Legislativo da Bahia, agradeço a presença das autoridades que por aqui passaram, da deputada Fátima Nunes que está conosco, da imprensa. Declaro encerrada a presente sessão, convidando a todos para compartilharmos, agora, do recebimento do livro, do autógrafo do autor e podermos, por mais um tempinho, compartilhar deste momento.

Muito obrigado.

*Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/sessoes.cfm>. Acesse ao caminho **Atividades Parlamentares - Sessões Plenárias** e leia-as na íntegra.*